Jornada para o Brasil: História das migrações de povos de língua alemã

1824 2024

Instituto Martius-Staden

OIKOS EDITORA

Jornada para o Brasil:
História das migrações de povos de língua alemã

“Partimos agora para a terra do Brasil”
Canção do Brasil, de 1825, da região do Hunsrück

Martin Norberto Dreher
Autor

Daniela Rothfuss
Organizadora

OIKOS EDITORA

2024

D771j Dreher, Martin Norberto
Jornada para o Brasil: história das migrações de povos de língua alemã. “Partimos agora para a terra do Brasil.” Canção do Brasil, de 1825, da região do Hunsrück. [Catálogo]. / Martin Norberto Dreher.
Organizadora: Daniela Rothfuss - São Leopoldo, RS: Oikos, 2024.
36p. : il. ; color.; 29,6x21 cm.
ISBN 978-65-5974-213-4
1. Migração alemã - História - Brasil. 2. Colonização alemã - História. 3. Imigração alemã. I. Título. II. Rothfuss, Daniela. III. Instituto Martius-Staden.

CDU 314.7(816.5:43)

Uma amizade que atravessa séculos

Além de serem fortes parceiros políticos e econômicos, o Brasil e a Alemanha estão ligados por uma longa história compartilhada. Em 2024, nossos dois países celebram um jubileu especial: 200 anos de migrações alemãs para o Brasil.

Desde muito cedo, cidadãos alemães visitaram o país, como pesquisadores ou viajantes. Porém, foi somente após a proclamação da independência do Brasil que a imigração alemã aconteceu de forma mais organizada e com o apoio do governo brasileiro. No início do século 19, havia uma situação socioeconômica difícil em algumas regiões que hoje formam a Alemanha. Muitas pessoas consideravam a emigração como uma chance de escapar das dificuldades que enfrentavam em seu país. O Brasil representava uma terra com novas oportunidades.

No dia 25 de julho de 1824, os primeiros colonos alemães chegaram ao que, mais tarde, se tornaria a cidade de São Leopoldo. Com esse acontecimento, foi estabelecida uma história conjunta, que, ao longo do tempo, tornou as relações bilaterais cada vez mais estreitas. O Dia da Imigração Alemã comemora esse acontecimento.

Estima-se que 6 milhões de brasileiros tenham ascendência alemã. A cultura que os imigrantes trouxeram consigo nos une até hoje. Prova disso é o fato de que a língua alemã ainda é amplamente falada nos estados do sul do País. Portanto, não é uma coincidência que a segunda maior Oktoberfest do mundo seja celebrada na cidade brasileira de Blumenau. Aqui em São Paulo, os alemães fundaram inúmeras instituições, como escolas, hospitais, sociedades beneficentes e câmaras de comércio, que se transformaram em uma parte integrante da sociedade brasileira. No século 20, houve novas ondas de imigração. Destaca-se o período a partir de meados da década de 1950, quando várias empresas alemãs vieram para o Brasil, e a Alemanha passou a ser uma das principais fontes de investimentos diretos no País.

Hoje, estamos vivenciando novos movimentos migratórios em um mundo que se tornou cada vez mais próximo no decorrer da globalização. A Alemanha, por seu lado, transforma-se hoje em um país cada vez mais diverso, com pessoas vindo de diferentes regiões e culturas. As fronteiras entre o interior e o exterior estão se tornando cada vez mais amenas no mundo globalizado. Para resolver os problemas mundiais, como as alterações climáticas e o desenvolvimento socioeconômico, é necessário um trabalho em conjunto entre as sociedades. Como parceiros estratégicos e países amigos há longos anos, o Brasil e a Alemanha são predestinados a desempenhar um papel fundamental nesse caminho, unindo seus interesses e suas grandes qualidades convergentes.

Martina Hackelberg
Cônsul-geral da Alemanha em São Paulo

“No ano de 2024, são comemorados os 200 anos da imigração continuada de migrantes falantes da língua alemã padrão e dialetos no território brasileiro. Eles dão início a nova fase da história do Brasil que se abre à imigração de não portugueses.”

Martin Norberto Dreher

“Partimos agora para a terra do Brasil”

Em 2024, são celebrados os 200 anos da imigração continuada de falantes da língua alemã para o Brasil. Originários de várias regiões e países da Europa, como Alemanha, Áustria, Suíça, Luxemburgo, França, República Tcheca, Polônia, Ucrânia, Rússia, Dinamarca, Romênia, entre outros, esses migrantes marcaram uma nova fase da história do Brasil, que se abria à imigração de não portugueses.

No Brasil, a imigração começou oficialmente em 1824, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Contudo, antes disso, já havia imigrantes falantes do alemão nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro. A imigração continuou no século 20, com um grande fluxo de pessoas chegando depois da Primeira Guerra Mundial e outro após a Segunda Guerra.

Migrantes deixam seus locais de origem por diversas razões, tornando-se **emigrantes** quando partem e **imigrantes** quando chegam a um novo território. Inicialmente, os falantes do alemão migraram para o Leste Europeu, depois **remigraram**, incluindo aqueles que se estabeleceram no Brasil. Há também os **refugiados**, que buscam asilo em outros países por uma série de motivos, e a **migração sazonal**, que ocorre em função de condições climáticas ou de trabalho.

Acesse a versão completa da exposição, com créditos.

Praça Centenário, em São Leopoldo/RS, chamada de “berço” da imigração alemã no Brasil. O monumento foi inaugurado em homenagem aos 100 anos de imigração alemã, em 1924.

Família Gabler, em Recife/PE.

Família Stuhr, no Espírito Santo.

Família Bürger, em Blumenau/SC.

Família Scheliga, em São Paulo/SP, aproximadamente 1915.

Família Bauermann, no Rio Grande do Sul.

Família Brick, em Minas Gerais.

Família Werner/Reisky von Dubnitz, em Petrópolis/RJ.

“Nós acreditamos e migramos”

A história da humanidade é marcada por suas migrações. A tradição judaico-cristã recorda a migração de seus patriarcas a partir de Ur, na Caldeia, mas a lembrança de migrações também está presente entre as populações das Américas, da África, da Ásia e da Europa.

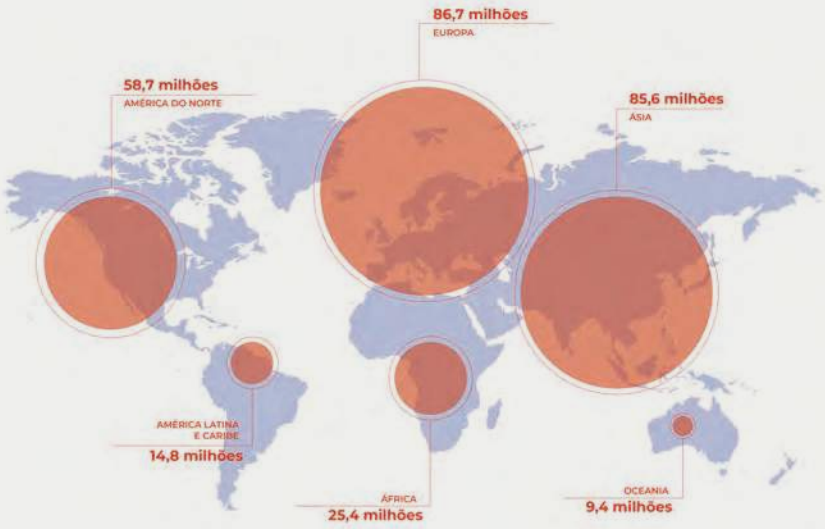
A migração de tribos germânicas pôs fim ao Império Romano, enquanto a migração árabe transformou a África e dominou a Península Ibérica. A escravidão africana forçou mais de 12 milhões de pessoas a deixar seu continente.

No século 19, ocorreram movimentos da Europa para a América do Norte, mas também para a América do Sul, da Ásia para as Américas e para a África. No século 21, a migração intensificou-se da África e da Ásia para a Europa e das Américas Central e do Sul para a América do Norte. Atualmente, o Brasil também recebe migrantes de várias nações.

Atualmente, cerca de 281 milhões de pessoas são migrantes, o que representa 3,5% da população mundial; na década de 1970, o percentual era de 2,3%. O mapa mostra os 281 milhões de migrantes divididos por continente, em 2020, com base no relatório da IOM UN Migration.

As migrações são impulsionadas por fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos ou ecológicos e formam um mundo multicultural a partir do encontro de diferentes culturas e religiões.

Migrantes de língua alemã a bordo de um navio, no fim do século 19.



Colômbia. Venezuelanos continuam fazendo viagens perigosas em busca de refúgio.

O crime organizado e a pandemia causaram o deslocamento de cerca de 1 milhão de pessoas no México e na América Central. Devido à crise venezuelana, o Brasil se tornou o quinto destino de venezuelanos na América do Sul. O Brasil tem a terceira maior população de deslocados nas Américas em razão de desastres naturais.

Os fluxos migratórios do mundo deverão aumentar ainda mais. Na África, a população dobrará até 2050, alcançando 2,5 bilhões de pessoas. A escassez de água, aliada à busca por alimentos, aumentará as migrações, intensificando as desigualdades sociais.

Nos séculos 19 e 20, os falantes de língua alemã migraram, em circunstâncias semelhantes, para o além-mar, buscando novos começos e "exportando" seus problemas. Hoje, em um mundo interconectado, as distâncias foram encurtadas.

Emigrantes, de Hans Baluschek, 1924.

“Rumo à terra do Brasil”

A migração, um fenômeno global, moldou o curso da história, desencadeando o surgimento e o desaparecimento de civilizações. Na Europa, a migração constante desde o século 15 espalhou línguas como português, espanhol, inglês e francês por todos os continentes. Entre 1840 e 1914, cerca de 40 milhões de pessoas deixaram a Europa.

Pioneiro na exploração do Atlântico, Portugal liderou a expansão marítima europeia a partir de 1415. Com conhecimentos náuticos avançados e estabilidade política, os portugueses descobriram rotas para as Índias. Em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil.

No primeiro momento, a presença alemã se deu com a participação de mercenários, técnicos, capitalistas e cientistas. Posteriormente, a presença foi notável com Hans Staden, Ulrich Schmidl, Heliodoro Eobano Hesse e Johann Moritz von Nassau-Siegen, entre outros.

Jesuítas de língua alemã atuaram em aldeamentos indígenas, que visavam principalmente à catequese, enquanto Johann Heinrich Boehm influenciou a formação do exército brasileiro, em 1767. Durante o período colonial, engenheiros, aventureiros e comerciantes também deixaram suas marcas na região do Amazonas.

Em novembro de 1807, com a invasão francesa em Portugal, D. João VI decidiu transferir a sede do império para o Brasil. Isso marcou o início de uma nova era para o país, com a abertura dos portos ao comércio internacional, promovendo o desenvolvimento cultural, educacional e econômico.

Frontispício do mapa de Johann Andreas Schwebel, engenheiro alemão na região do Amazonas, no século 18.

Fazenda de Moritz von Nassau-Siegen, em Pernambuco. Nassau-Siegen foi governador da colônia holandesa na capitania de Pernambuco, no século 17. Obra do alemão Zacharias Wagner, considerado o primeiro artista dos trópicos.

Princesa Leopoldina da Áustria, esposa de D. Pedro I. Ela chegou ao Brasil acompanhada de uma comitiva de cientistas e artistas europeus, como os naturalistas bávaros Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix, que empreenderam a famosa *Viagem pelo Brasil,* de 1817 a 1820.

A imperatriz Leopoldina fomentou o recrutamento de soldados estrangeiros juntamente com o major Georg Anton von Schaeffer, dando início ao projeto de imigração alemã.

Em 1817, o príncipe D. Pedro casa-se com a princesa Leopoldina, que desempenhou um papel crucial para a Independência, resistindo às pressões das cortes portuguesas e apoiando a permanência de D. Pedro no Brasil. Foi ela a responsável pelo "Fico". Em 1822, ela e José Bonifácio de Andrada e Silva prepararam a Proclamação da Independência, liderando o movimento que separou o Brasil de Portugal.

A chegada de Leopoldina deu início à vinda de vários cientistas, pesquisadores, artistas e viajantes europeus durante o século 19, como o médico Johann Daniel Hillebrand, o artista Thomas Ender, os etnólogos Karl von den Steinen e Theodor Koch-Grünberg, entre muitos outros.

Desembarque da princesa Leopoldina no Rio de Janeiro, em 1817. Desenho de Jean-Baptiste Debret.

“Agora o navio viaja no mar”

A emigração de falantes da língua alemã foi motivada por diversas razões ao longo das décadas. Entre 1824 e 1830, impactos das Guerras Napoleônicas, emancipação do campesinato e crises artesanais levaram à primeira onda migratória.

As Revoluções Liberais de 1848 impulsionaram a burguesia liberal, deixando marcas em colônias como Joinville e trazendo uma intelectualidade que caracterizou a nova fase da imigração no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. No leste alemão, a emancipação agrícola e a mecanização da lavoura resultaram em migrações da Pomerânia e da Prússia Oriental. Ao mesmo tempo, crises na indústria e na mineração do carvão de pedra na Renânia e na Vestfália provocaram novas ondas de migração.

A Guerra Franco-Prussiana (1870) e o fim dos direitos concedidos por Catarina, a Grande, a migrantes alemães na Rússia levaram a novos fluxos, incluindo os imigrantes teuto-russos. A Revolução de Outubro de 1917 e a introdução do regime soviético faria com que outros descendentes de teuto-russos migrassem para o Brasil. Além disso, perseguições políticas e fugas do regime nazista também levaram a migrações.

As razões das migrações são multifacetadas, uma vez que envolvem motivações sociais, políticas, econômicas, religiosas, entre outras.

Veleiros no porto de Hamburgo, entre 1890 e 1900.

Fábrica de máquinas de Alfredo Borsig, em Berlim.

No século 19, o processo de emigração para o Brasil levava cerca de um ano, e a primeira parte do percurso era feita a pé, ou, dependendo da região de origem, por via fluvial pelos rios Reno ou Elba. Com a introdução de ferrovias a partir de 1835, o deslocamento se tornou mais rápido.

Os portos de embarque variavam. Alguns grupos partiam de Amsterdã, outros de Hamburgo ou também de Bremen. As condições nos portos eram precárias, e muitos emigrantes ficavam ao relento, esperando por longos períodos, esgotando suas economias.

A travessia, que podia durar até 120 dias, era difícil, especialmente porque, até 1828, os veleiros não eram equipados para transportar passageiros. Entre os diversos navios que fizeram a travessia, cabe mencionar alguns dos mais conhecidos como o Argus, Caroline, Anna Louise, Germania e Creole. Após 1845, com a chegada de navios a vapor, as condições das travessias melhoraram consideravelmente.

Cartaz da transportadora marítima alemã Hamburg Süd, fundada em 1871.

Passagem de 1923 da empresa Hamburg Süd, de Hamburgo até Santos, com parada no Rio de Janeiro.

Estima-se que cerca de 310 mil falantes de alemão tenham emigrado para o Brasil, incluídos aqueles que vieram após as duas guerras mundiais. Contudo, é difícil estabelecer um número exato, visto que muitos constam de relações de imigrantes russos, poloneses, suíços etc.

Passageiros alemães a bordo de um navio, saindo da Alemanha.

Viagem de Hamburgo para o Rio de Janeiro, em 1887.

“Todos são bem-vindos”

Foi no **Nordeste** que se deu a instalação dos primeiros núcleos de falantes da língua alemã no Brasil. A primeira colônia recebeu o nome de Leopoldina e foi estabelecida em 1818, no sul da **Bahia**. Porém, as colônias agrícolas não tiveram êxito, seja por questões climáticas ou pela instalação de colônias de imigrantes no sul do Brasil, que interrompeu a migração para a Bahia. Mas a presença alemã prosperou com o surgimento de empresas, como, por exemplo, em São Félix e Maragogipe, com a indústria fumageira.

Anúncio da empresa alemã Suerdieck, fabricante de charutos na Bahia.

Fazenda Pombal na Colônia Leopoldina, no sul da Bahia, 1820. Com colonos suíços, franceses e belgas, focou no cultivo de café, com mão de obra escravizada.

Em 1828, a Colônia Santa Amélia foi instalada em **Pernambuco**, formada por náufragos e imigrantes abandonados que se dirigiam do Rio Grande do Norte para o sul do país. Na década de 1830, imigrantes alemães (mercenários e ex-combatentes) fixaram-se em Recife, e artífices alemães vindos de Hamburgo modernizaram a cidade, a partir de 1839.

Clube Alemão de Pernambuco, em Recife, fundado em 1920.

Foto de Alberto Henschel (à direita), de 1870, importante fotógrafo alemão que chegou a Recife/PE, em 1866.

A cidade também atraiu ourives, relojoeiros e artesãos, o que resultou na criação de associações e comunidades religiosas.

Após 1918, a família sueco-alemã Lundgren trouxe trabalhadores qualificados da Alemanha para atuar em sua fábrica de tecelagem em Paulista (perto de Recife), mas a Segunda Guerra Mundial interrompeu a imigração, levando funcionários para campos de concentração em Araçoiaba/PE.

A família Lundgren também fundou uma colônia germânica em Rio Tinto, **Paraíba**, que se dispersou após o fim da produção fabril, migrando para João Pessoa.

A miséria que atingiu diversas áreas da Suíça após a queda de Napoleão, bem como chuvas torrenciais e más colheitas levaram milhares de suíços a emigrar, especialmente para a América do Norte. Contudo, D. João VI estabeleceu negociações que resultaram na fundação da colônia de Nova Friburgo, no **Rio de Janeiro**, em 1818. O objetivo era trazer até cem famílias católicas, incluindo artesãos, como sapateiros, moleiros e alfaiates, com o compromisso de ensinar seus ofícios aos brasileiros.

Em 1819, chegaram a Nova Friburgo 1.682 suíços, que receberam terras e subsídios iniciais. No entanto, as terras não eram adequadas para a agricultura, o que fez com que muitos abandonassem a colônia. Para substituí-los, vieram, em 1824, 334 colonos alemães do território de Hesse. Apesar dos desafios, alguns prosperaram, adaptando-se à economia cafeeira. Nova Friburgo recebeu também soldados após a dissolução dos batalhões de estrangeiros, formados por D. Pedro I.

A Colônia Suíça de Cantagalo, perto de Nova Friburgo, de J. B. Debret.

Imigrantes da família Winter, em Petrópolis.

Entre 1818 e 1830, 6.856 imigrantes de língua alemã ingressaram pelo Rio de Janeiro, dos quais vários permaneceram na cidade, onde se dedicaram ao comércio, fundaram associações laicas e religiosas, centros de convivência da colônia alemã, entre outros.

Em 1837, o início da colonização de Petrópolis trouxe imigrantes alemães que contribuíram para o desenvolvimento cultural e econômico da cidade, estabelecendo tradições e empresas que perduram até hoje.

O Rio de Janeiro foi, por muito tempo, o principal porto de entrada de imigrantes no Brasil.

A imigração alemã oficial no Brasil começou em 1824, com a Colônia Alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Agricultores e artesãos vindos de Schleswig-Holstein, Mecklemburgo-Schwerin, da Renânia e do Vale do Rio Mosela, conhecidos como "Hunsrücker", se estabeleceram lá.

Casa Histórica em Feitoria Velha (São Leopoldo). Domicílio dos primeiros imigrantes, em 1824.

Imigrantes no Vale do Caí.

Hunsrück é uma região montanhosa na Alemanha, localizada no atual estado da Renânia-Palatinado, e o termo "Hunsrücker" se refere aos imigrantes dela provenientes. O dialeto falado na região é o "Hunsrückisch", conhecido, em português, como hunsriqueano.

Alemães no Tabak-Tal, no Vale do Caí, Colônia Cará, atual Feliz.

Docas do porto de Porto Alegre, local onde muitos imigrantes desembarcaram.

Outras colônias, como Três Forquilhas, São Pedro das Torres, no litoral norte, e Colônia São João Batista, nas Missões, surgiram no nordeste do **Rio Grande do Sul**. Após a Guerra dos Farrapos (1835-1845), nasceram a Colônia Feliz e a Colônia Mundo Novo. Nessa região, também foram instaladas a Colônia Porto das Laranjeiras, Montenegro e colônias perto do Maratá, um afluente do Rio Caí.

Os governos provinciais foram autorizados a promover colonização e imigração em 1848, o que levou ao aparecimento de colônias como Santa Cruz, Monte Alverne, Santo Ângelo e Nova Petrópolis, principalmente ao norte de São Leopoldo. Teutônia e São Lourenço prosperaram.

Ao sul do Rio Jacuí, Jakob Rheingantz fundou São Lourenço, a maior colônia privada do estado. No planalto do Rio Grande do Sul, áreas como a Colônia Ijuí receberam imigrantes poloneses, russos, teuto-russos e austríacos. Em 1891, foram instaladas as colônias Serro Pelado e Guarani, sendo que esta última recebeu, sobretudo, teuto-russos.

Colônia Santa Cruz, atual Santa Cruz do Sul.

Cerca de 250 mil falantes de alemão imigraram para o Brasil até os anos 1920 e metade deles foram instalados no Rio Grande do Sul.

Começo da Colônia Neu-Württemberg, atual Panambi, perto de Ijuí, fundada em 1899.

Estação de trem de Hamburgo Berg, atual Hamburgo Velho, núcleo de colonização de imigrantes alemães em Novo Hamburgo.

Escola Alemã, em Villa Thereza, Vera Cruz, 1918.

"Centros de cultura alemã" no Rio Grande do Sul, onde surgiram, entre outros, os primeiros e principais jornais em língua alemã, editoras, escolas e associações: Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Santa Cruz do Sul.

A imigração alemã em **Santa Catarina** começou em 1828, com 523 imigrantes do Palatinado e de Luxemburgo estabelecidos em São Pedro de Alcântara. Seguiram-se colônias em Angelina e Santa Teresa, no Vale do Rio Tijucas. Iniciativas particulares levaram à criação da Colônia Itajaí em 1860, fundada pelo barão Maximilian von Schneeburg, o que originou cidades como Itajaí e Brusque, entre outras.

Vista do centrinho do município de São Pedro de Alcântara.

Escola teuto-brasileira de Rio do Sul, no Vale do Itajaí, 1930.

Blumenau, aproximadamente 1900.

A Colônia Dona Francisca, atual Joinville, surgiu em terras do dote de dona Francisca de Bragança, com imigrantes do norte e nordeste da Alemanha, suíços, poloneses de língua alemã, bávaros, suábios, badenses, teuto-russos e escandinavos. A partir de Joinville, apareceram São Bento do Sul e Jaraguá do Sul.

Blumenau, estabelecida em 1850 por Hermann Blumenau, recebeu imigrantes de Schleswig-Holstein, Mecklemburgo, Saxônia, Brandemburgo, Silésia, Turíngia e Braunschweig, além de migrantes de São Pedro de Alcântara, e deu origem a colônias como Pomerode, Gaspar, Indaial e Rio do Sul. O sul de Santa Catarina foi colonizado a partir de São Pedro de Alcântara e de colônias do litoral norte do Rio Grande do Sul.

O oeste de Santa Catarina foi desbravado a partir de 1910, com excedentes de colônias alemãs do Rio Grande do Sul, formando colônias de Palmitos a São Miguel do Oeste. Florianópolis, Joinville, Blumenau e Chapecó-Concórdia tornaram-se centros aglutinadores, cada um desenvolvendo níveis culturais e técnicos distintos em razão das diferentes gerações de imigrantes.

Escola alemã em Testo Central Alto, Pomerode.

Entre 1827 e 1829, imigrantes alemães chegam à província de **São Paulo** e são instalados nas regiões de Santo Amaro, Itapecerica da Serra, Rio Negro e Cubatão.

Após a dissolução dos batalhões de estrangeiros em 1830, muitos alemães recrutados por Georg Anton von Schaeffer estabeleceram-se em São Paulo. Em 1837, o major João Bloem trouxe um grupo de 227 alemães, que foram distribuídos entre a Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, localizada no atual município de Iperó, e a construção da estrada de Cubatão a São Paulo.

Sítio arqueológico da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. Área dos Altos Fornos.

Na década de 1840, grupos de alemães e suíços chegam a São Paulo contratados pelo Sistema de Parceria e são instalados na Fazenda Ibicaba, situada no atual município de Cordeirópolis. Liderados pelo professor Thomas Davatz, parte dos colonos se revolta contra as condições impostas pelos fazendeiros, como, por exemplo, a servidão por dívida e a censura da comunicação.

Apesar das proibições do Rescrito de von der Heydt, em 1859, o fluxo migratório para São Paulo se manteve nas décadas seguintes. Esses imigrantes foram responsáveis pela criação de colônias em São Paulo, Limeira, Campinas, Rio Claro e Santos, entre outras. No século 20, surgiram colônias alemãs no oeste de São Paulo, como, por exemplo, em Maracaí e em Presidente Venceslau.

Caminho de São Paulo para Santo Amaro, município autônomo na época, hoje um bairro de São Paulo. Desenho de Else von Bülow, 1895.

Terreiro de café da Fazenda Ibicaba, com a casa de máquinas ao fundo, 1904.

Imagem atual do terreiro de café da Fazenda Ibicaba.

Saiba mais sobre a imigração alemã em São Paulo.

A colônia de Rio Negro, no **Paraná**, fundada em 1829 por imigrantes de Trier, no Palatinado, ocupava ambas as margens do rio. Com o desmembramento da província de São Paulo e a emancipação do Paraná, em 1853, e após o acordo de limites celebrado entre os estados do Paraná e Santa Catarina, a cidade que ocupava a margem esquerda passou a pertencer ao estado de Santa Catarina e recebeu o nome de Mafra. Imigrantes de Baden, Pomerânia, Holstein e Prússia Oriental se uniram. Em Curitiba, Miguel Müller liderou outra colônia com migrantes de ascendência alemã e suíça de Joinville. Curitiba se destacou por migrações espontâneas, com alemães trabalhando em comércio, indústria e construção de estradas.

Com o fim dos direitos concedidos por Catarina, a Grande, para alemães migrados para as regiões do Volga e da Volínia, na Rússia, muitos de seus descendentes migraram para as Américas, por volta de 1877. Uma parte desses imigrantes estabeleceu-se no Paraná, em Lapa, Palmeira, Quero-Quero, Papagaios Novos, Ponta Grossa e Castro. Após a Revolução Russa de 1917, teuto-russos, incluindo menonitas, se fixaram em Witmarsum e Curitiba.

Igreja da Colônia Witmarsum, Palmeira, anos 1950.

A Festa da Árvore de Maio, também conhecida como Maibaumfest, é uma tradição suábia em Entre Rios. Trata-se de uma celebração pela chegada da primavera no Hemisfério Norte. Já no Hemisfério Sul, a festa é realizada para agradecer pelo término da colheita.

Judeus alemães fugitivos do nazismo, alemães perseguidos pelo mesmo regime e descendentes de colônias gaúchas chegaram a Rolândia a partir de 1932, por meio da colonização privada da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Em 1951, teve início a colonização em Entre Rios/Guarapuava, trazendo “suábios do Danúbio” da antiga Iugoslávia.

No oeste e norte do Paraná, empresas colonizadoras assentaram um grande número de descendentes de falantes de alemão que vinham do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Muitos deles, os “Brasiguaios”, foram forçados a realocar-se para o Paraguai, quando as águas de Itaipu inundaram suas casas.

No século 19, o **Espírito Santo** também foi colonizado por falantes de alemão. Em 1846, a colônia de Santa Isabel começou com 38 pessoas oriundas do Principado de Birkenfeld e, até 1852, já contava com 150. Conflitos religiosos levaram luteranos a mudar-se para Campinho (atual Domingos Martins).

A Colônia Rio Novo, estabelecida em 1854, recebeu imigrantes da Suíça, Bélgica, Holanda, França, Itália, Alemanha e Áustria, mas a falta de saúde e assistência provocou muitas partidas. Em 1856, foi fundada a Colônia Santa Maria (hoje Santa Maria de Jetibá) e para lá foram alemães transferidos de Ubatuba/SP.

Entre 1868 e 1874, chegaram 2.200 imigrantes da Pomerânia, influenciando significativamente o dialeto alemão na região. Surgiram novas colônias em São João de Petrópolis, Santa Joana, Laranja da Terra e Guandu.

Família pomerana com homem ao centro, segurando uma concertina.

O Espírito Santo é considerado um dos locais onde o dialeto pomerano foi mais bem preservado em todo o mundo.

Família Ramlow, de Alto Mutum Preto, região de Baixo Guandu.

Família pomerana com alguns animais e uma floresta ao fundo.

Muitos alemães foram enviados a **Minas Gerais**, principalmente como agricultores para as fazendas de café, estabelecendo colônias em Mar de Espanha, João Pinheiro, Água Limpa, Álvaro da Silveira, David Campista e São José do Mantimento.

Destacam-se as colônias de Juiz de Fora e Teófilo Otoni. Em Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria contratou técnicos e mestres de ofício alemães para a construção de uma estrada que ligava Petrópolis a Ouro Preto, passando por Juiz de Fora. Mais tarde, cerca de 1.200 pessoas provenientes de diferentes regiões da Alemanha foram instaladas em áreas destinadas à colonização.

Em 1856, o político liberal Theophilo Benedicto Ottoni trouxe 1.031 colonos suíços e alemães para Teófilo Otoni. Como a falta de mão de obra persistia, ele recorreu à importação de presidiários de Potsdam e a imigrantes da França, Bélgica e Holanda, que foram assentados na região do Rio Mucuri, aumentando a população, em 1858, para 1.768 indivíduos.

Associados do Kegel Club (Clube de Bolão) de Juiz de Fora.

Mapa do Vale do Mucuri em que consta a Colônia Philadelphia, atual Teófilo Otoni, 1859. Área colonizada por muitos alemães.

Família Müller, de Juiz de Fora.

Pioneiro Franz Wendt e família em frente à sua casa, em Itueta, Vale do Rio Doce, década de 1940.

A **presença judaica** entre os imigrantes alemães é uma realidade histórica que atravessa séculos. Desde a província romana Germania, judeus habitam a Europa Central, o que se intensificou após a destruição do Templo, quando os exércitos de Tito tomaram Jerusalém, em 70 d.C.

Judeus falantes do alemão, como Albert Einstein, Heinrich Heine, Sigmund Freud, Karl Marx e Hannah Arendt influenciaram a cultura em todo o mundo. No século 20, muitos judeus alemães fugiram do Holocausto, encontrando refúgio também no Brasil.

Comunidades judaicas floresceram especialmente nas cidades de Porto Alegre/RS, São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ, sendo que as primeiras congregações de judeus alemães foram criadas em São Paulo e Porto Alegre, em 1936.

Else Silberstein (à esquerda) e Paula Kahn (à direita) atendendo uma família de refugiados recém-chegada a São Paulo/SP, nos anos 1940.

Cabe sublinhar as importantes contribuições dos imigrantes judeus de fala alemã para a literatura, as artes, a ciência e a indústria, destacando-se personalidades como Stefan Zweig, autor de *Brasil, país do futuro*, a fotógrafa Hildegard Rosenthal e Eva Sopher, diretora do Teatro São Pedro, em Porto Alegre/RS, entre muitos outros.

Imigrantes judeus.

Sinagoga do Lar Golda Meir, em São Paulo/SP.

O advogado Max Hermann Maier e família, em Rolândia/PR. A família judia veio de Frankfurt, fugindo do regime nazista, durante os anos 1930.

Senhoras moradoras do Lar União, no Rio de Janeiro/RJ, tricotam para a campanha de envio de roupas e artigos pessoais para os necessitados judeus na Alemanha, 1942.

No século 19, as **mulheres** viram seu papel na sociedade mudar drasticamente devido à industrialização e à migração. A industrialização levou as mulheres do lar para a indústria, enquanto, no campo, muitas foram forçadas a emigrar. As mulheres proletárias e agricultoras enfrentaram dificuldades durante a viagem, incluindo partos em navios e perdas familiares.

No Brasil, enfrentaram desafios ao estabelecer suas famílias em terras desconhecidas, mas desempenharam papéis essenciais como professoras, parteiras e catequistas. As atividades comunitárias de mulheres eram financiadas com a venda de ovos e manteiga.

O lazer das mulheres imigrantes era limitado. Cultos e visitas a vizinhas eram raros momentos de descontração. Com o passar do tempo, participavam de corais, bailes e festas. No entanto, a vida se resumia basicamente ao trabalho.

As mulheres burguesas imigraram com suas famílias e contribuíram significativamente como cientistas, artistas, escritoras e educadoras.

Mulheres e crianças trabalhando na indústria: Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, em Brusque/SC, entre 1900 e 1910.

Com acesso à educação formal, as mulheres imigrantes desempenharam um papel fundamental na criação de vilas, escolas, associações sociais e comunidades religiosas. Sua importância para a memória da imigração alemã no Brasil é inegável.

Casa típica de imigrantes alemães. O homem da casa fazendo trabalho de artesão, e as mulheres costurando. Rio Grande do Sul.

Internato de meninas, fundado pela educadora alemã Helene Stegner-Ahlfeld em São Paulo/SP.

“Agora estamos conectados”

Uma característica marcante da imigração alemã no Brasil foi a criação de **escolas comunitárias e confessionais**. Essa tradição educacional alemã havia se fortalecido no século 16, com a Reforma Protestante, que enfatizou a importância da educação.

No Brasil, as comunidades alemãs fundaram e mantiveram escolas com base na tradição educacional de suas terras de origem. Logo, padres e pastores atuavam como inspetores de ensino.

Essas escolas comunitárias prosperaram até a era de Getúlio Vargas (1930-1945), mas medidas nacionalizadoras gradualmente encerraram tal prática. No entanto, a forte tradição de envolvimento comunitário na educação continuou. As escolas eram financiadas pelos pais dos alunos ou por horas de trabalho na terra.

Mapa da densidade de escolas alemãs no Rio Grande do Sul, estado com o maior número de escolas e colégios de língua alemã. Em 1930, eram 939 escolas comunitárias, sendo 613 de ensino em alemão. No mesmo ano, Santa Catarina contava com 286 escolas de língua alemã, o Paraná com 38 e São Paulo com 31. O ensino em alemão foi proibido no Brasil em 1942 e retomado a partir de 1948.

Alunos do primeiro ano (1893) da antiga Escola Alemã de São Paulo, atual Colégio Visconde de Porto Seguro, fundada em 1878. Trata-se de uma das primeiras escolas de ensino em alemão no estado de São Paulo.

Em áreas onde os imigrantes de língua alemã se estabeleceram, o analfabetismo era praticamente inexistente devido ao impacto positivo das escolas comunitárias e confessionais.

Hoje em dia, existem no Brasil cerca de 350 escolas públicas e particulares, bem como aproximadamente 60 universidades que oferecem o ensino do idioma alemão.

A imigração alemã teve um impacto significativo na **religião** no Brasil. Os imigrantes incluíam católicos, luteranos, reformados, batistas, anabatistas e judeus, entre outros, contrastando com a predominância do catolicismo lusitano no país, além das religiões de matriz africana e cristãs-novas.

O Brasil seguia o padroado português, em que o imperador era o chefe da Igreja Católica, mas o catolicismo popular era mais festivo que devocional. A chegada dos alemães quebrou o monopólio religioso e, com isso, surgiram desafios quanto à liberdade religiosa e aos direitos civis. Cerca de 60% dos imigrantes eram não católicos, enquanto os 40% restantes praticavam uma forma de catolicismo diferente daquela do brasileiro.

Igreja luterana, em Campo Vicente, Nova Hartz/RS, 1926.

Com essa nova situação surgiram vários problemas, como o sepultamento, casamento e batismo não católicos, entre outros. Cemitérios separados foram estabelecidos para católicos e luteranos, onde também judeus e maçons podiam ser enterrados. Os matrimônios de religiões não católicas, vistos como concubinato, não eram reconhecidos. Somente na segunda metade do século 19 essa questão foi solucionada.

Casamento pomerano, em Itueta/MG. A noiva traja vestido preto, tradição típica pomerana da época.

Igreja luterana de Blumenau/SC.

Casamento de Wally Bürger, em Blumenau/SC, 1927.

A participação alemã na **imprensa** foi significativa para a preservação da história de sua imigração no Brasil. Desde Hans Staden e sua obra *História verdadeira*... (1557) até os escritores acadêmicos e literários dos séculos 19 e 20, a riqueza das experiências dos imigrantes foi documentada de várias formas.

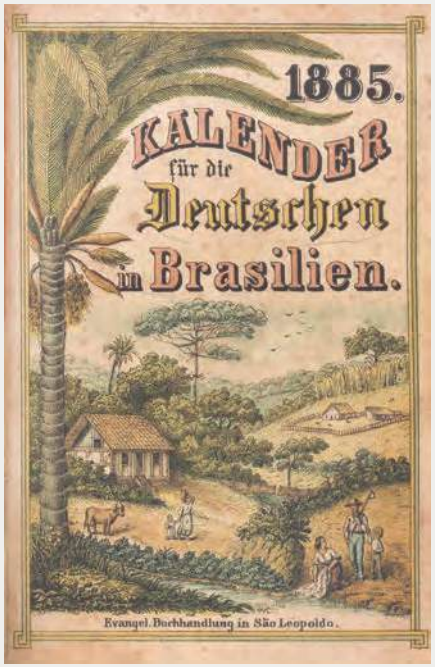
O Brasil foi caracterizado como um país de imigrantes por autores como Robert Jannasch e Siegfried Decker. Jornais europeus como o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* também desempenharam um papel importante nesse processo. Obras preocupadas com a preservação da germanidade, como a de Hugo Zöller, se destacaram. Escritos de antigos colonos, como o de Therese Stutzer, biografias e autobiografias, publicações comemorativas e genealógicas, bem como publicações acadêmicas, também são testemunhos valiosos.

Toda essa documentação só foi possível graças a gráficas e editoras alemãs como Rotermund, Laemmert e Weiszflog, entre outras. A imagem mostra a tipografia da Weiszflog Irmãos, na cidade de São Paulo/SP. Em 1920, a empresa foi incorporada pela Editora Melhoramentos.

Jahr 1. Sonnabend, den 2. Mai 1863. Nr. 18.

Colonie-Zeitung
und Anzeiger für
Dona Francisca und Blumenau.

Tagesgeschichte.



Também merecem destaque os mais de 60 jornais em língua alemã publicados no Brasil até hoje, como, por exemplo, o *Colonie-Zeitung* (1863), de Joinville/SC, e os diversos almanaques, entre os quais o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, de São Leopoldo/RS, editado pelo Dr. Wilhelm Rotermund (1875-1919), pastor, professor e jornalista.

Saiba mais sobre a literatura brasileira de expressão alemã.

A **industrialização** nas áreas de imigração alemã no Brasil foi singular. Caracterizadas por uma ausência de capitais, de trabalhadores assalariados livres e de mercado consumidor, essas regiões foram transformadas pelos imigrantes europeus que escaparam da industrialização e do declínio da produção artesanal na Europa.

Ao chegarem ao Brasil, esses artesãos foram inseridos em um contexto de transição econômica, pois a economia baseada no trabalho escravo era abandonada em favor daquela que tomava por base a mão de obra livre, orientada para o mercado interno. Eles, então, desenvolveram uma agricultura de subsistência em pequenas propriedades, complementada por seus ofícios artesanais.

Os excedentes da produção eram vendidos por comerciantes locais. O capital comercial permitiu a industrialização, com o surgimento de corporações de pequeno porte. O comércio intermediário tornou-se crucial, facilitando a acumulação de capital e originando importantes empresas.

Depósito da empresa alemã Bromberg Comercial S.A., em Porto Alegre/RS, que teve papel importante na industrialização do Rio Grande do Sul.

Açougue de Edmundo Müller, no Rio Grande do Sul.

Fábrica Sönksen, primeira fábrica de chocolates no Brasil.

A industrialização no Brasil começou nas áreas de imigração e transformou a economia do país de maneira significativa. Diversas empresas notáveis têm suas raízes na imigração alemã.

Serraria de imigrantes alemães, em Rio Negrinho/SC. Posteriormente, a serraria foi integrada à famosa fábrica de móveis CIMO.

Com a imigração alemã, o Brasil experimentou **um novo modelo agrícola**, inicialmente estabelecido no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, e depois exportado para outras regiões do país, bem como para Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

A base desse modelo era a "picada", uma forma de organização social que determinava o desenvolvimento de pequenas comunidades. Cada picada, ou linha, lajeado, travessa, travessão ou tifa, representava uma clareira na floresta subtropical, onde os imigrantes se estabeleciam em lotes de 75, 50 ou 25 hectares.

A picada, autossuficiente e autônoma, incluía templos, escolas, cemitérios, casas comerciais e diversos serviços, sendo administrada solidariamente. Esse sistema colaborativo foi fundamental para o desenvolvimento das comunidades e também serviu de base para a criação de cooperativas lideradas pelo sacerdote jesuíta suíço Theodor Amstad em todo o Brasil, seguindo o modelo "Raiffeisen", criado pelo economista alemão Friedrich Wilhelm Raiffeisen.

Fábrica de bebidas de Franz Louis Weinmann (1885), Rio Grande do Sul.

Becker & Mückler, em Agudo/RS.

Colonização alemã, em Quilômetro 14 do Mutum, Baixo Guandu/ES, no Vale do Rio Doce.

Pequenos agricultores, no Rio Grande do Sul.

Picada 48, atual Lindolfo Collor/RS, 1916.

Os imigrantes alemães mantiveram suas **tradições** no Brasil por meio de clubes recreativos e de colaboração mútua. Para se unir, celebrar e ajudar uns aos outros, fundaram clubes de canto, de tiro e de ginástica, mas também associações de assistência aos necessitados, entre outros.

Desde sua chegada, praticaram esportes como a ginástica, esgrima, natação e, mais tarde, o futebol.

Associação de Ginástica Alemã de 1890, na cidade de São Paulo/SP.

Os clubes e as associações cuidavam de muitas áreas sociais, como assistência aos necessitados, apoio à família e vida espiritual. As igrejas também ajudavam as pessoas social e espiritualmente, promovendo a vida comunitária.

As festas e celebrações periódicas integravam o calendário das festividades durante o ano. O carnaval, por exemplo, era considerado um evento significativo para a vida social dos imigrantes.

Festa de Natal, em Recife/PE, em 1941.

"Kerb", uma festa típica para celebrar o aniversário da igreja ou paróquia, em Linha Imperial, Nova Petrópolis/RS, por volta de 1930, em frente ao salão de Nicolau Kehl, com portador da "Kerbkranz".

Carnaval da Sociedade Germania, em São Paulo/SP, em 1930. Mais tarde, a Sociedade Germania foi incorporada ao atual Esporte Clube Pinheiros.

Em termos sociais e culturais, os imigrantes eram bem diversificados. Havia aqueles expulsos de latifúndios pela mecanização da lavoura, artesãos afetados pela industrialização, soldados desmobilizados, acadêmicos sem oportunidades e refugiados políticos, entre outros. Ao chegar ao Brasil, a maioria foi trabalhar na agricultura, exercendo paralelamente suas profissões.

Apesar do acesso inicial à terra, a escassez levou as gerações seguintes a **novas migrações**, o que contribuiu para a formação da diversidade cultural do Brasil.

Colônia São Bento do Sul, em Santa Catarina, aproximadamente 1900. Exemplo típico de uma colonização de migração interna.

De São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, a segunda geração mudou-se para vales próximos, chegando ao Rio Uruguai. Em Santa Catarina, migraram para São Bento do Sul/SC, para Curitiba/PR e para o estado de São Paulo, enquanto colonizadores de Blumenau povoaram o Vale do Itajaí. Do Espírito Santo, migraram para Minas Gerais e, mais tarde, para Rondônia, onde encontraram sulistas.

Essas migrações ultrapassaram as fronteiras brasileiras, incluindo retornos à Europa e novos destinos na América Latina, América do Norte, China e Oceania, evidenciando a complexidade dos movimentos migratórios que moldaram o país.

Menonitas em frente à sua casa, em Witmarsum/SC, onde chegaram em 1929. Mais tarde, em 1951, um grupo menor migrou para o Paraná, onde formou a Colônia Witmarsum, na cidade de Palmeira.

Franz e Berta Pittelkow. Família pomerana desbravadora em Itueta/MG.

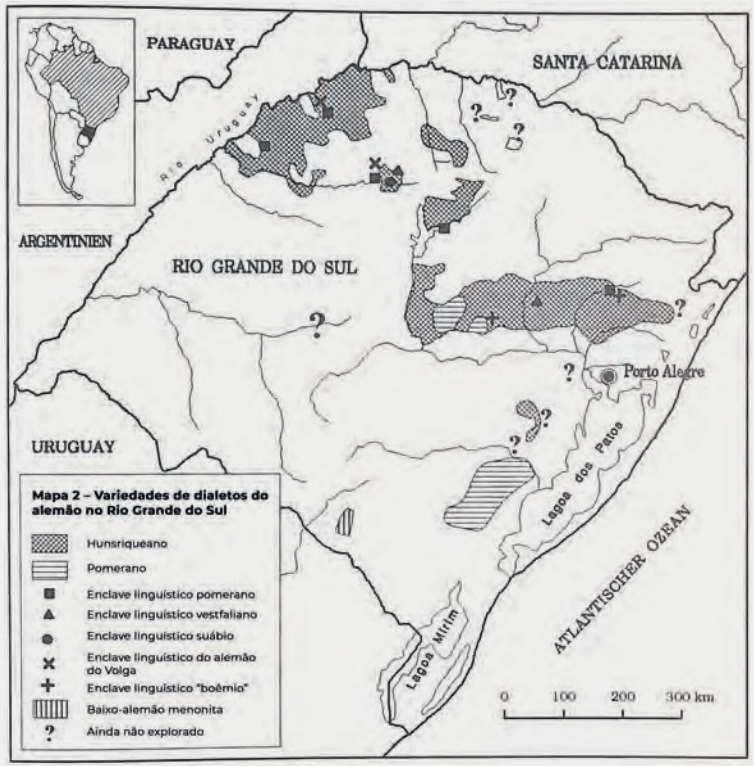
Uma exposição sobre a imigração alemã no Brasil não poderia deixar de destacar os **dialetos do idioma alemão** que se mesclaram ou foram conservados em diversas regiões. O hunsriqueano **(Hunsrückisch)**, originário do planalto do Hunsrück e Hesse, ainda está presente onde houve maior concentração de imigrantes dessa região, como nos vales dos Sinos, do Caí e no planalto do Rio Grande do Sul, no oeste de Santa Catarina e do Paraná, assim como no Espírito Santo, na região de Domingos Martins.

O dialeto pomerano **(Pommerisch)** é preservado em São Lourenço do Sul/SC e Santa Cruz do Sul/SC, estendendo-se à região de Blumenau e Pomerode, em Santa Catarina. Porém, sua presença é mais destacada no Espírito Santo, de onde foi levado por remigrantes para Rondônia e Minas Gerais. Tornou-se uma das línguas oficiais de diversos municípios brasileiros.

Festividade em comemoração aos 160 anos da imigração pomerana no Espírito Santo, em 2019.

No Vale do Rio Taquari, preservou-se um dialeto conhecido como vestfaliano **(Westfälisch)**, ou "sapato de pau", proveniente do dialeto falado na região de Tecklemburgo, na Vestfália.

Os dialetos dos teuto-russos, dos suábios do Danúbio e de imigrantes das regiões do Volga e da Volínia também ainda são encontrados no Brasil.



Mapa das variedades de dialetos do alemão, no Rio Grande do Sul.

Além disso, influências do português moldaram os dialetos alemães e vice-versa, sobretudo o hunsriqueano, criando uma rica fusão linguística e cultural. Hoje, boa parte do Brasil saboreia "cucas" ou "cuquis", corruptela da palavra alemã "Kuchen" (bolo), e complementa seu pão com "Schmier", expressão do Hunsrück para o doce de frutas, ou com "chimia/Keschmier/Keschimia" (queijo quark).

Atualmente, cerca de 117 mil brasileiros aprendem o alemão, e entre 1 e 2 milhões falam o alemão padrão e seus dialetos.

Durante a crise do pós-Primeira Guerra Mundial, a **ideologia nazista** encontrou espaço no Brasil entre uma parte dos imigrantes alemães e de seus descendentes. Formaram-se células nazistas e integralistas nos anos 1930, notavelmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Casamento em Nova Europa/SP, com o "Heil Hitler" ("Salve Hitler") ao fundo.

O partido nazista centralizou instituições alemãs no Brasil, e suas ideias eram difundidas em jornais de língua alemã editados no país, como o *Deutscher Morgen*. Além dos jornais, havia também palestras, exibições de filmes e calendários de comemorações, como a do dia da ascensão de Hitler ao poder.

O nacional-socialismo e o integralismo influenciaram luteranos e católicos, levando à criação de grupos como o Pastorado Nacional-Socialista. Com o Estado Novo e a entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra, muitos nazistas e integralistas foram presos, enquanto outros continuaram praticando sua ideologia.

Festa do Colono em Conceição de Ipanema/MG, em 1936.

Almanaque *Volk und Heimat* (*Povo e Pátria*), do Partido Nacional-Socialista no Brasil.

Carteirinha de sócio do Partido Nacional-Socialista (NSDAP).

Durante a Segunda Guerra Mundial, as relações diplomáticas, comerciais e culturais entre o Brasil e a Alemanha cessaram. Clubes e instituições alemãs foram fechados ou tiveram bens confiscados. **Após a Guerra**, em 1946, o jornal *Deutsche Nachrichten* foi fundado em São Paulo como continuação do jornal *Deutsche Zeitung*.

Com a ação "Socorro à Europa Faminta", as comunidades de língua alemã no Brasil enviaram toneladas de alimentos e produtos têxteis à Alemanha. Em 1948, a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha retomou as suas atividades.

As relações comerciais cresceram, com indústrias automotivas alemãs se estabelecendo no Brasil. Os intercâmbios acadêmicos, culturais e econômicos prosperaram.

Deutsche Nachrichten

SUPLEMENTO do Jornal de Notícias

Zum Geleite

Die Pariser Konferenz

Zum Nürnberger Prozess

Getreideversorgung Europas

SÖNKSEN

Jornal *Deutsche Nachrichten*.

UNIVERSITÉ DE PARIS

TRAVAUX ET MÉMOIRES DE L'INSTITUT DES HAUTES ÉTUDES DE L'AMÉRIQUE LATINE — III

LA COLONISATION ALLEMANDE

ET

LE RIO GRANDE DO SUL

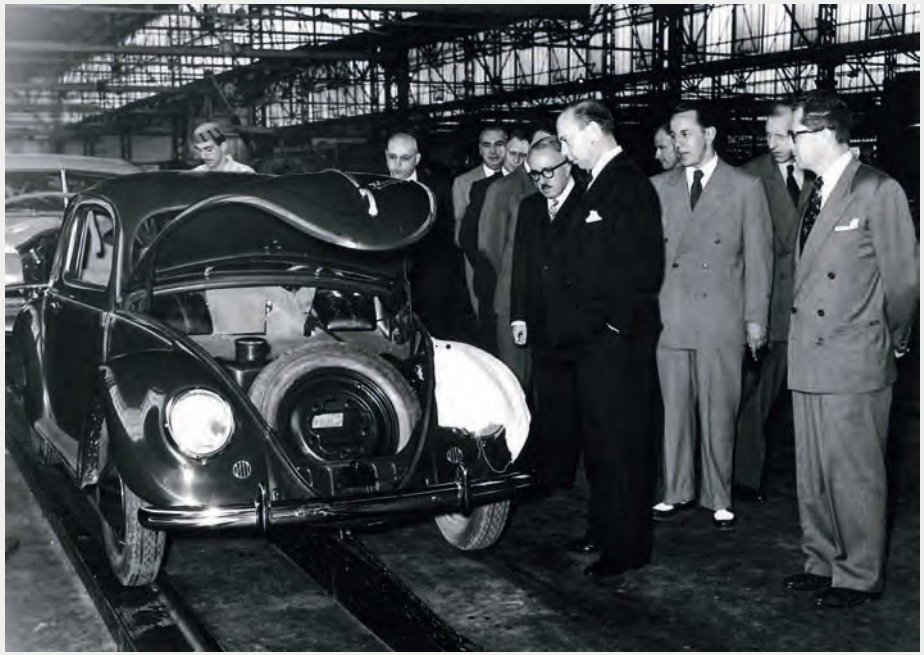
PAR

JEAN ROCHE

PARIS

INSTITUT DES HAUTES ÉTUDES DE L'AMÉRIQUE LATINE

Os estudos sobre a imigração alemã no Brasil são retomados com a pesquisa do francês Jean Roche e continuados a partir de 1974, com as comemorações dos 150 anos da imigração em seminários realizados pelo Instituto Histórico de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.



Em 1951, o Brasil recebeu seu primeiro embaixador alemão do pós-guerra, Dr. Fritz Oellers. Visita à linha de montagem dos primeiros modelos da Volkswagen do Brasil. Atualmente, o estado de São Paulo é o maior polo industrial alemão fora da Alemanha.

Desde os anos 1990, o fluxo migratório entre os dois países se inverteu. Atualmente, cerca de 160 mil brasileiros vivem na Alemanha, com dupla cidadania, e aproximadamente 56 mil só com nacionalidade brasileira, número que aumenta cada vez mais.

As relações atuais entre o Brasil e a Alemanha são particularmente estreitas e têm por base a confiança mútua. Prova disso são as visitas diplomáticas recíprocas.

O Brasil é o único país da América Latina com o qual a Alemanha mantém uma parceria estratégica. A cooperação abrange os setores de energia, meio ambiente, clima, ciência, economia e comércio, defesa, cultura, trabalho, assim como os assuntos ligados aos direitos humanos, e é especialmente próxima no que diz respeito à proteção das florestas tropicais, dado o envolvimento da Alemanha no Fundo Amazônico. Nesse sentido, um exemplo importante de pesquisa conjunta é a torre ATTO, na floresta amazônica, que, inclusive, foi construída com esforços mútuos.

Vista da torre ATTO (Amazon Tall Tower Observatory) na floresta amazônica.

O Brasil é também o parceiro comercial mais importante da Alemanha na América do Sul. Existem mais de mil empresas alemãs de diferentes setores no Brasil, que colaboram para o progressivo desenvolvimento econômico de ambos os países. O dia 10 de julho de 1951 foi a data que marcou o restabelecimento das relações diplomáticas bilaterais.

O urso Buddy Bär é o símbolo da cidade de Berlim. A escultura está presente em alguns prédios das representações diplomáticas da República Federal da Alemanha no Brasil e no mundo. Simboliza a relação de amizade entre os dois países.

Ficha técnica

Realização
Instituto Martius-Staden

Fundação Visconde de Porto Seguro
Marcos A. S. Bitelli (Presidente)

Instituto Martius-Staden
Christian Buelau (Presidente)
Mauritius Reisky von Dubnitz (Diretor)

Coordenação
Daniela Rothfuss

Curadoria
Prof. Dr. Martin Norberto Dreher
Erny Mügge
Instituto Martius-Staden

Pesquisa científica
Prof. Dr. Martin Norberto Dreher

Pesquisa iconográfica
Augusto Rodrigues
Camilla Nascimento
Daniela Rothfuss
Fabio Santana Silva

Textos didáticos
Birgit Fouquet
Daniela Rothfuss
Fabio Santana Silva

Revisão
Augusto Rodrigues
Erny Mügge
Vivian Miwa Matsushita

Arte e Criação
Celso Longo + Daniel Trench

Diagramação
Fabio Santana Silva

Editora
Oikos

Apoio e Agradecimentos
Colégio Visconde de Porto Seguro
Consulado Geral da Alemanha em São Paulo
Embaixada da Alemanha em Brasília
Instituto Histórico de São Leopoldo
Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
Museu Judaico de São Paulo
Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência

Realização

Instituto Martius-Staden

Patrocínio

Representações da República Federal da Alemanha no Brasil

FUNDAÇÃO VISCONDE DE PORTO SEGURO

Apoio cultural

IHSL Instituto Histórico de São Leopoldo

OIKOS EDITORA

Instituto Martius-Staden

Instituto Martius-Staden
Rua Itapaiúna, 1.355 - Panamby
05707-000 - São Paulo, SP
11 3747-9222 | contato@martiusstaden.org.br

@MartiusStaden

Realização

Instituto Martius-Staden

Patrocínio

Representações da República Federal da Alemanha no Brasil

FUNDAÇÃO VISCONDE DE PORTO SEGURO